

DIAGNÓSTICO

Texto Alexandre Bastos

DIVULGAÇÃO



Informações: www.blackbug.com.br

BLACK BUG BLUE BOOSTER, YELLOW DISTORTION & RED TUBE

Empresa 100% brasileira, tradicional por produzir tampões de borracha anti-microfonia e captadores de contato para instrumentos acústicos, investe agora no nicho das guitarras ao lançar três pedais.

Atendendo às necessidades mais básicas do guitarrista, a empresa lançou um booster para destacar a guitarra (Blue Booster), uma distorção de sonoridade vintage (Yellow Distortion) e um overdrive mais clássico (Red Tube). Os três pedais vieram embalados individualmente em um tipo de display em plástico transparente simples, deixando à mostra o produto, que tem o visual clássico dos pedais da MXR – fugindo do tradicional “padrão Boss”.

Os três pedais são bem simples, com apenas dois *knobs* - identificados como *output* e *distortion*, respectivamente, nível de saída e intensidade da distorção produzida. Apenas o Red Tube possui um terceiro controle, uma chave do tipo *mini-toggle*, que permite colocar a intensidade do *drive*

produzido por ele em modo *rhythm* (ritmo) ou no modo *lead* (solo), como no chaveamento dos canais do amplificador Mesa/Boogie Mark IV. A alimentação elétrica dos pedais é feita por meio de uma fonte 9v (opcional) do padrão Boss ou por meio de baterias, que já acompanham o pedal. Para a troca da bateria, é necessário abrir a base do pedal, retirando os quatro parafusos com uma chave do tipo Phillips, o que é um pouco chato, mas quem está acostumado com o padrão MXR não vai sentir dificuldades, além de ocasionalmente ter de fazer uma troca de baterias cinco minutos antes de entrar no palco.

BLUE BOOSTER

O Blue Booster foi o primeiro pedal a ser testado e o fiz de quatro maneiras: a

primeira como booster final na cadeia de efeitos; depois, como um booster no meio da cadeia de efeitos (entre as distorções e os efeitos de modulação e ambiência), no início da cadeia de efeitos e como um booster para o amplificador, fosse no loop de efeitos ou pela parte frontal, como em 99% dos casos. Na primeira situação, o Blue Booster saiu-se muito bem. De forma competente, destacou e preservou de maneira íntegra o sinal da guitarra, não alterando o timbre do instrumento. Quanto ajustei o controle *distortion* em algumas posições, desde o mínimo até o máximo, tive a impressão de ter ganho um pouco mais de vida nos graves (em ajustes após a posição “12 horas”), sendo que com o controle no ajuste “3 horas”, o som me agradou bastante, pois obtive um

timbre bem interessante. Nas posições “10” e “11 horas”, obtive um pouco mais de ganho nos agudos, sem agredir ou deixar o timbre da guitarra ardido ou brilhante demais.

Com o Blue Booster posicionado entre os pedais de drive e os pedais de modulação e ambiência, também obtive resultados bem interessantes em termos de volume. Porém, usando o pedal nos mesmos ajustes da situação anterior, ele não acrescentou ou extraiu frequências no timbre. O sinal da guitarra permaneceu inalterado. Tive a impressão de que o pedal não atua como booster de timbre quando colocado no meio de uma cadeia de efeitos. Quando coloquei o Blue Booster no início da cadeia de efeitos, o resultado foi surpreendente. Além de ‘empurrar’ o sinal da guitarra pelos efeitos (para esta situação, usei todos os pedais que possuo), o Blue Booster literalmente puxou para fora o timbre da guitarra, mostrando todas as frequências que o instrumento possui. Tive que fazer novos ajustes no controle *distortion*, pois algumas características, como as frequências agudas, ficaram destacadas demais para o meu gosto pessoal, principalmente quando usei a Fender Strato e a Ibanez Prestige. Realmente, é onde o pedal atua melhor em termos de sonoridade e, claro, fez com que o instrumento não tivesse uma perda significativa de volume. Ao contrário, manteve o volume em 0dB no final.

Obtive melhor resultado quando usei o Blue Booster diretamente com o amplificador. O pedal atuou muito bem tanto ligado em loop como ligado pela frente, adicionando as frequências mínimas que faltavam ao amplificador no seu timbre final. Quando usado em conjunto com o *drive* do próprio amplificador, o timbre se mostrou excelente.

YELLOW DISTORTION

É um pedal de distorção do tipo *vintage*. Em relação ao Red Tube, tem o sinal de saída mais baixo. Não que isso seja um defeito ou um ponto negativo, mas sim a sua principal e mais marcante característica, pois pedais de distorção *vintage* possuem muitas vezes um sinal mais baixo em relação a outros pedais. Acionando o efeito, obtive uma compressão característica deste tipo de pedal. É um pedal agressivo mesmo em ajustes mínimos. Quando acionei-o com o controle output na posição “9h” e controle *distortion* no mínimo, produziu uma distorção afiada, bem próxima ao MXR, um pouco mais comprimida e com um pouco mais de médios, ideal para *heavy metal clássico* ou *rock* pesado dos anos 70.

Para igualar o volume da guitarra com o pedal ligado ao volume da guitarra com o pedal desligado, tive que ajustar o nível

EQUIPAMENTOS USADO NO TESTE

Guitarras: Fender Stratocaster Jeff Beck Signature e Ibanez Prestige RG 1527 (sete cordas);
Pedais: DD-3, RV-2, CH-2, CS-3, BD-2, SD-1, DS-1, EQ-7, LM-2 (todos da Boss) e TS-9 da Ibanez;
Amplificadores: Laney HC50R, Meteoro Cristalino e Staner GT100;
Cabos: Santo Angelo e George's L.

de saída até a posição “12h” e fiquei bem impressionado com o timbre de distorção que ele produziu. Ajustei o controle *distortion* também na posição “12h” e obtive um timbre agressivo e um pouco mais “granulado” que o MXR. Senti falta de um controle de tonalidade, onde poderia adequar o pedal um pouco mais ao meu gosto. Com o controle *distortion* ajustado após a posição “1h”, não obtive mudança significativa na intensidade da distorção, porém quando usei a Strato, o timbre ficou próximo ao *fuzz*, produzindo uma sonoridade parecida com um violino. O pedal não é barulhento, ou seja, para um *distortion* ele produz um nível de ruído baixo.

RED TUBE

Ele pode ser considerado um “canivete suíço”, pois pode ser usado tanto como um booster um pouco mais agressivo ou como um *drive* para bases e solos. Ele se destaca por possuir dois itens interessantes e de larga utilização: tem um sinal de saída alto, algo que considero raro, e uma chave do tipo *mini-toggle*.

Quando iniciei o teste, coloquei o volume de saída em “12h” e o pedal ficou alto em relação ao sinal da guitarra, algo que considero incomum. O *drive* produzido pelo pedal, em um ajuste mínimo, me agradou logo de cara, pois tive a sensação de usar um amplificador com um ajuste “crunchado”, ou seja, com uma saturação mínima, podendo apenas abaixar o volume da guitarra para obter o timbre com menor intensidade de saturação. Ajustei o nível de saída do pedal para uma posição entre “7h” e “8h” e consegui um equilíbrio em termos de volume. Para o *drive*, ajustei o pedal para “12h” e consegui uma intensidade que me agradou no modo *rhythm*, sendo que a partir da posição “1h” não houve nenhuma mudança significativa no nível de intensidade do *drive*. Com estes ajustes, consegui um *drive* muito bacana para as bases, tanto em *power chords* (bicordes) como para os acordes cheios. Para estes, achei melhor abaixar um pouco o volume da guitarra para obter um

pouco mais de definição, principalmente em acordes com cordas soltas.

Usando o Red Tube como *booster*, consegui um timbre bem interessante, adicionando mais ganho ao Yellow *Distortion* e conseguindo atenuar um pouco o timbre mais cortante e áspero do pedal. Usando o Red Tube também como uma espécie de exciter com a distorção do amplificador, obtive um timbre mais aveludado, como se houvesse um estágio a mais nas válvulas. Nesta situação, fiquei impressionado com o pedal. Testei também o Red Tube com a chave ajustada para o modo *lead* e obtive a clara sensação de estar tocando com um *overdrive* mais ‘musculoso’, algo parecido com um Tube Screamer com um pouco a mais de ganho, algo muito interessante para quem procura um pedal tipo *overdrive* que possa ser versátil, seja tocando *rock* ou para uma sonoridade fusion mais moderna. Se o Red Tube tivesse um chaveamento em que o guitarrista pudesse trocar do modo *rhythm* para o modo *lead*, este pedal seria perfeito. Em relação ao nível de ruído, como era de se esperar, o Red Tube produziu um pouco mais de barulho, mas não um ruído excessivo, e sim como um pedal que tem mais saída.

CONCLUSÃO

O único pedal que produziu algum ruído quando acionado foi o Blue Booster, mas não foi algo que chegou a incomodar. Todos os pedais são bem resistentes aos famosos ‘pisões’ e seus circuitos são bem limpos e organizados. Além disso, todos vêm equipados com chave liga/desliga de *true bypass* verdadeiro, ou seja, não roubam nenhuma frequência do sinal da guitarra, item encontrado em pedais feitos por encomenda e de marcas famosas. Obtive um melhor rendimento dos pedais quando utilizei uma fonte de alimentação, pois as baterias que os acompanham não são do tipo alcalina.

Os pedais têm um ponto contra: os *jacks* de entrada e saída são confeccionados em plástico. Seria mais interessante que fossem instalados *jacks* feitos em metal, pois eles podem ser danificados em caso de uma soldagem ou em caso de troca.

Os três pedais são bons e, claro, com um custo/benefício bastante interessante. Um outro dado a ser destacado é que estes pedais são produzidos no Brasil, com tecnologia inteiramente nacional - algo digno de louvor. 🇧🇷

ALEXANDRE BASTOS é guitarrista, professor de música na GIG e *sideman*, e trabalha com o Ultraje a Rigor. Seu e-mail é bastosgr@zipmail.com.br